

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC ALEX DE SOUZA FABRÍCIO

A DIMENSÃO INFORMACIONAL NA GUERRA MODERNA:

Uma análise sobre a ascensão da sétima função operacional.

Rio de Janeiro

2021

CC ALEX DE SOUZA FABRÍCIO

A DIMENSÃO INFORMACIONAL NA GUERRA MODERNA:

Uma análise sobre a ascensão da sétima função operacional.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Carlos Eduardo Ribeiro de Macedo

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2021

AGRADECIMENTOS

À Escola de Guerra Naval, por meio de sua direção, corpo docente e administração, a qual possibilitou a transmissão de conhecimentos fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Ao meu orientador, Capitão de Fragata Carlos Eduardo Ribeiro de Macedo, pelas precisas orientações, apoio, ensinamentos e paciência, os quais foram fundamentais para a produção desta dissertação.

Aos meus amigos do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores do ano de 2021, pelo convívio fraterno. Em especial, aos amigos Capitães de Corveta (FN) Pessanha, Capitão de Corveta Souza e Capitão de Corveta Cledson por todo apoio que gentilmente me ofereceram e pude contar. Da mesma forma ao CC Tyler A. Darr (EUA) por contribuir com oportunas sugestões para a melhoria de minha pesquisa.

Aos meus pais Beltrão e Janete, por terem me oferecido uma base sólida, a qual me permitiu trilhar meus objetivos.

À minha amada Marianna, pelo amor e cuidado incondicionais, seu incentivo, carinho me deram a força necessária para cumprir mais esta missão.

Por fim, a Deus, por ter iluminado meu caminho durante toda essa jornada até aqui e por ter me concedido saúde para superar as adversidades.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é verificar como a guerra ao terror e o atual modo de atuação russo contribuíram para a ascensão da sétima função operacional conjunta, *information*. Usando o apoio das teorias de Lind (2004), Echevarria (2016) e Vego (2009) serão verificados os principais insucessos e aprendizados da guerra estadunidense contra o terrorismo no Afeganistão (2001) e no Iraque (2003-2011), a assertividade russa na Crimeia (2014) e as suspeitas de interferência externa nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos da América (EUA). No estudo de caso foram constatadas as seguintes implicações observáveis: a necessidade de incremento na compreensão do ambiente onde se pretende operar; a busca por uma mudança de paradigma quanto ao uso da capacidade de guerra convencional; a importância de se saber lutar uma batalha de narrativas; e a necessidade de aprimoramento e integração na exploração dos recursos informacionais para uma operação em zona cinzenta. Sendo a doutrina uma aplicação prática da teoria, foi constatado que tais aprendizados encontraram aderência no texto da publicação conjunta 3-0 (JP 3-0, segundo o acrônimo de “*Joint Publication 3-0*”) a medida em que este desenvolve atividades afetas a compreensão do ambiente operacional, a influência nos comportamentos e no apoio a tomada de decisão, visando produzir efeitos relevantes ao mesmo tempo em que é negada tal vantagem aos adversários.

Palavras-chave: Guerra ao terror. Função operacional conjunta. Insucessos. Zona cinzenta. Recursos informacionais. Ambiente operacional.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARP -	Aeronaves Remotamente Pilotadas
C2 -	Comando e Controle
CIA -	Agência Central de Inteligência
CRI -	Capacidades Relacionadas a Informação
CSONU -	Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas
DOD -	<i>Department of Defense</i>
EIIL -	Estado Islâmico no Iraque e no Levante
EUA -	Estados Unidos da América
FBI -	<i>Federal Bureau of Investigation</i>
ISIS -	Estado Islâmico no Iraque e na Síria
JCOA -	<i>Joint and Coalition Operational Analysis</i>
JP 1-0 -	<i>Joint Publication 1-0</i>
JP 3-0 -	<i>Joint Publication 3-0</i>
NSA -	Agência de Segurança Nacional
ODNI -	<i>Office of the Director of National Intelligence</i>
ONG -	Organização Não Governamental
ONU -	Organização das Nações Unidas
OTAN -	Organização do Tratado do Atlântico Norte
4GW -	Guerra de Quarta Geração ou Quarta Geração da Guerra Moderna

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	ASPECTOS TEÓRICOS	10
2.1	AS GERAÇÕES DA GUERRA MODERNA	10
2.1.1	OS EUA E A SEGUNDA GERAÇÃO DA GUERRA MODERNA	12
2.1.2	A QUARTA GERAÇÃO DA GUERRA MODERNA (4GW)	13
2.1.3	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A 4GW	16
2.2	ZONA CINZENTA	16
2.2.1	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A ZONA CINZENTA	18
2.3	FUNÇÃO OPERACIONAL CONJUNTA	18
2.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS ASPECTOS TEÓRICOS	19
3	GUERRA CONTRA O TERROR	20
3.1	A GUERRA DO AFGANISTÃO E SEUS INSUCESSOS.....	20
3.2	A GUERRA DO IRAQUE E SEUS INSUCESSOS	26
3.3	ASPECTOS CONCLUSIVOS DA GUERRA AO TERROR	30
3.3.1	CONHECENDO O AMBIENTE	31
3.3.2	MUDANÇA DE PARADIGMAS.....	32
3.3.3	BATALHA DE NARRATIVAS	33
3.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A GUERRA CONTRA O TERROR.....	34
4	GUERRA DA INFORMAÇÃO	35
4.1	ANEXAÇÃO DA CRIMEIA	36
4.2	ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2016.....	37
4.3	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A GUERRA DA INFORMAÇÃO	38
5	A FUNÇÃO CONJUNTA <i>INFORMATION</i>	39
5.1	COMPREENDER O AMBIENTE OPERACIONAL.....	39
5.2	INFLUENCIAR COMPORTAMENTOS.....	40
5.3	APOIAR A TOMADA DE DECISÃO.....	40
5.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A FUNÇÃO CONJUNTA <i>INFORMATION</i>	41
6	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

O conceito de arte operacional é considerado oriundo dos teóricos soviéticos nos anos 1920, mas a ideia e, também, a palavra já apareciam desse modo desde o início do século XX e é possível que possa remontar a períodos anteriores (COUTAU-BÉGARIE, 2010). Trata-se de um tema revestido de crescente interesse nos meios militares nacionais e internacionais. Sendo assim, hoje existe uma extensa literatura especializada sobre o assunto, composta por uma profusão de artigos, livros e publicações oficiais que, ao mesmo tempo em que o aprofunda, o torna complexo e sólido (PINTO, 2006).

Para o professor Milan Vego (2009), que possui origem Bósnia e Herzegovina e é professor do *US Naval War College* (talvez um dos mais influentes na doutrina norte-americana), em termos genéricos, a arte operacional pode ser definida como uma componente da arte militar preocupada com a teoria e a prática do planejamento, preparação, condução e sustentação de campanhas e grandes operações destinadas a alcançar objetivos estratégicos ou operacionais em um determinado teatro.

Vego, em sua obra *Joint Operational Warfare, 2009*, menciona que, para a máxima eficácia no emprego das forças de combate, uma série de estruturas e atividades de apoio, arbitrariamente chamadas de “funções”, devem ser totalmente organizadas e desenvolvidas de modo a gerar capacidade combativa. A isso ele chamou funções operacionais¹, as quais se incorporam à doutrina conjunta estadunidense como *joint functions*.

Em julho de 2017, o Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas norte americanas emitiu na publicação conjunta 1 (JP-1)², uma mudança na doutrina para as Forças

¹ Para fins deste trabalho, funções operacionais, funções conjuntas ou funções operacionais conjuntas possuem o mesmo significado dando interpretação ao original em inglês *joint functions*, tradução nossa.

² Do original em inglês *Joint Publication 1-0*, tradução nossa. Estados Unidos da América (EUA). Department of Defense (DOD). *Joint Publication 1, Doctrine for the Armed Forces of the United States*. 25 de Março de 2013, última alteração em 12 de Julho de 2017.

Armadas dos Estados Unidos, introduzindo “*information*”³ como a mais nova função operacional conjunta.

Diante deste fato, o propósito deste trabalho é, dentre os mais diversos motivos que originaram e justificam a atualização doutrinária estadunidense, verificar suas principais causas. Como os insucessos nas campanhas da guerra contra o terror, assim como a necessidade de se oferecer uma resposta à atuação de adversários, em especial à Rússia, influenciaram e consolidaram o entendimento dos EUA de que seria necessário readequar seus métodos doutrinários de exploração da dimensão informacional?

No campo teórico, além do embasamento para funções operacionais oferecido por Vego (2009), serão analisados os principais insucessos da guerra ao terror com as lentes de William Lind⁴ (2014) e seu conceito de guerra de quarta geração (4GW⁵) e o atual modo de atuação russo sob o prisma de Antulio Echevarria⁶ (2018) e sua concepção acerca das operações “aquém da guerra”, as chamadas operações em “*Gray Zone*”, zona cinzenta.

No estudo de caso, foram constatadas as seguintes implicações observáveis que demonstram a aderência teórica à realidade: a necessidade do conhecimento e da compreensão ampla do ambiente onde se pretende operar; a necessidade de uma mudança de paradigma quanto ao uso da capacidade de guerra convencional; a necessidade de se saber lutar uma batalha de narrativas; e a necessidade de aprimoramento e integração na exploração dos recursos informacionais para uma operação em zona cinzenta.

³ Para fins deste trabalho, devido ao significado de sua tradução ser amplo, será utilizada a expressão em inglês “*information*”, que dá nome a sétima função conjunta estadunidense, para se referir a mesma.

⁴ William Sturgiss Lind é um autor estadunidense que desenvolveu na década de 1980 o conceito de Guerra de Quarta Geração (4GW). Sua primeira publicação data de 1989 no artigo “*The Changing Face of War: Into the Fourth Generation*”. O referido artigo foi recuperado e republicado na revista *Military Review* em set-out de 2004, p.12-16.

⁵ Pelo uso mais comum, será adotado neste trabalho a sigla do inglês *4th Generation Warfare*, que também servirá como abreviatura para “Quarta Geração da Guerra Moderna”.

⁶ Dr Echevarria é graduado pela Academia Militar dos EUA, pelo Comando do Exército dos EUA e pelo *General Staff College*, mestre e doutor em história pela Universidade de Princeton e tornou-se editor trimestral do Colégio de Guerra do Exército dos EUA em fevereiro de 2013.

A abordagem deste trabalho não pretende esgotar as razões pelas quais a doutrina norte-americana elevou a relevância de sua abordagem nas questões afetas a dimensão informacional, mas chamar atenção para o atual incremento de tal exploração e subsidiar eventuais futuros estudos que venham a contribuir com o enriquecimento da doutrina brasileira na referida temática.

Para atingir o propósito mencionado, este trabalho está estruturado em seis seções, a presente introdução que visa descrever o tema proposto, bem como a estrutura do texto. A segunda seção apresenta o embasamento teórico que orienta a análise. Na terceira seção serão analisadas as implicações observáveis por ocasião da guerra contra o terror. Na quarta seção a guerra de informações e a influência do modo de atuação russo. Na quinta seção será apresentada uma síntese da abordagem doutrinária para a função conjunta *information* e na última seção o trabalho será concluído confirmando os argumentos propostos e oferecendo uma breve análise atual.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

“A guerra é mais do que um verdadeiro camaleão, que adapta um pouco as suas características a uma determinada situação” (CLAUSEWITZ, 1984 p. 92)

Nesta seção será apresentado um resumo histórico do ponto de vista teórico do autor estadunidense, William Sturgiss Lind, no que diz respeito à 4GW e uma síntese da concepção de Antulio J. Echevarria acerca das chamadas operações em “*Gray Zone*”, zona cinzenta.

Adicionalmente, e a fim de realçar a relevância na aplicação da dimensão informacional para se lidar com os atuais desafios, será procedido um resumo teórico no que diz respeito ao emprego de uma função operacional e sua observável aderência na atual doutrina conjunta norte-americana atualizada em julho de 2017.

2.1 AS GERAÇÕES DA GUERRA MODERNA

Como ponto de partida, faz-se necessária uma breve exposição histórica sobre os conceitos apresentados por William Lind (2014) com destaque para a 4GW. Neste, de maior atenção para este trabalho, o autor identifica que uma revolução política, social e moral – uma verdadeira crise de legitimidade do Estado – é a raiz do fenômeno. Para Lind (2014), a 4GW afetou e alterou os três níveis clássicos da guerra (estratégico, operacional e tático) fazendo com que seus limites fossem mais permeáveis.

As quatro gerações iniciam-se com a Paz de Vestfália em 1648, com o tratado de término da Guerra dos Trinta Anos. Esse tratado estabelecia o monopólio da guerra ao Estado. Anteriormente, eram diversas as entidades que travavam guerras, como famílias, tribos, religiões, empresas. Diversos também eram os meios. Além de exércitos e marinhas, citam-se o suborno e o assassinato. Ao longo do tempo criou-se uma dificuldade de compreensão da guerra de outra maneira que não se caracterize necessariamente pelo combate entre forças estatais semelhantes (LIND, 2004).

A primeira geração da guerra moderna, durando aproximadamente de 1648 a 1860, foi considerada por Lind (2004) como a guerra de táticas de linha e coluna, onde as batalhas eram formais e o campo de batalha era ordenado. A relevância da primeira geração advém do fato de que o campo de batalha criou uma cultura militar de ordem, distinguindo militares de civis. Uniformes, saudações, patentes, entre outros aspectos reforçavam tal cultura de ordem (LIND, 2004).

A segunda geração da guerra moderna foi desenvolvida pelo exército francês durante e após a Primeira Guerra Mundial. Buscava-se uma solução no poder de fogo em massa, em especial o fogo de artilharia. O objetivo era o atrito e a doutrina foi resumida pelos franceses como “A artilharia conquista e a infantaria ocupa”. O comandante era, de fato, o “maestro de uma orquestra” (LIND, 2015).

A guerra de segunda geração veio para preservar a cultura de ordem. O foco era interno, em ordens, regras, processos e procedimentos. Há uma “solução escolar” para cada problema. As batalhas são travadas metodicamente, por isso métodos prescritos impulsionam o treinamento e a educação, onde o objetivo era a perfeição dos detalhes na execução. A cultura militar da segunda geração valoriza a obediência sobre a iniciativa (iniciativa era temida por interromper a sincronização) e depende da disciplina imposta (LIND, 2015).

A guerra da terceira geração, também chamada de guerra de manobras, foi desenvolvida pelo Exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial e dependia menos do poder de fogo do que da velocidade e do tempo. Ela procurou apresentar ao inimigo situações inesperadas e perigosas mais rápido do que ele poderia lidar com as mesmas, oferecendo, neste contexto, uma separação física e mental. As táticas de infantaria da Primeira Guerra Mundial,

quando usadas por formações blindadas e mecanizadas na Segunda Guerra Mundial, ficaram conhecidas como “Blitzkrieg”⁷ (LIND, 2015).

Assim como a guerra de terceira geração rompeu com táticas lineares, ela também rompeu com a cultura de ordem da primeira e segunda geração. A cultura militar de terceira geração também valoriza a iniciativa sobre a obediência, tolerando erros desde que não resultem de timidez, e se baseia na autodisciplina em vez da disciplina imposta (LIND, 2015).

Quando a guerra de segunda e terceira geração se encontraram em combate na campanha alemã contra a França em 1940, o Exército Francês foi derrotado completa e rapidamente, tendo a campanha acabado em seis semanas. Ambos os exércitos tinham tecnologia semelhante, mas foram as ideias e não as armas que ditaram o resultado (LIND, 2015).

Para Lind, apesar de a guerra de terceira geração ter provado superioridade, a maioria dos exércitos, assim como os estadunidenses, permanece com a mentalidade de segunda geração. A razão para isso seria cultural por não conseguirem fazer a ruptura com a ordem que a terceira geração exige. Tal fato também serve de razão pela qual, em todo mundo as forças armadas estatais não vão bem contra inimigos não-estatais (LIND, 2015).

2.1.1 OS EUA E A SEGUNDA GERAÇÃO DA GUERRA MODERNA

Tanto o Exército quanto o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos aprenderam a guerra da segunda geração com o Exército Francês durante a Primeira Guerra Mundial, o que continua a ser hoje o “modo americano de guerra” (LIND, 2015). Coutau-Bégarie⁸ (1956-2012), ao referir-se à cultura estratégica estadunidense, cita que a mesma privilegia a concepção e a preparação sobre a execução: uma coordenação acentuada, uma

⁷ Para fins deste trabalho, o referido termo será considerado tática militar calculada para criar choque psicológico e desorganização resultante nas forças inimigas por meio do emprego de surpresa, velocidade e superioridade no material ou poder de fogo (LIMBACH, 2020).

⁸ O Professor Hervé Coutau-Bégarie foi Diretor de Pesquisas em Estratégia na Escola Inter-Forças de Defesa da França, bem como, Presidente da Comissão Francesa de História Militar.

preparação cuidadosa, a acumulação dos meios devem permitir reduzir ao mínimo as fricções de toda ordem e atingir o objetivo de acordo com o plano. Ele atribui ainda, em parte, a derrota dos EUA na Guerra do Vietnã ao excesso de centralização que limitava constantemente os executantes no terreno.

Ainda segundo Coutau-Bégarie (2010), a consequência lógica da mentalidade planejadora e especialista é a dificuldade de adaptar-se ao adversário. Os estadunidenses estão sobretudo à vontade nas guerras simétricas, onde seu poder técnico pode expressar-se plenamente. Porém, são muito menos hábeis nos conflitos assimétricos, onde a componente política tende a dominar o instrumento militar. Sua mentalidade particular os torna muito pouco permeáveis às ideias, aos costumes dos outros povos e isso vale igualmente para as outras maneiras de fazer a guerra (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Ele apresenta como exemplo a Guerra do Iraque (2003-2011) onde com um exército desmoralizado, em contato com uma população radicalmente diferente, muito hostil: as forças norte-americanas tentaram se adaptar como possível, mas não conseguiram seguir o ritmo de um inimigo invisível, cujos métodos são variados e, às vezes, elaborados (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

2.1.2 A QUARTA GERAÇÃO DA GUERRA MODERNA (4GW)

Para explicar o conceito de 4GW, Lind (2014) utiliza alguns aspectos singulares para o referido tipo de guerra, dentre os quais cita o fato de, atualmente, o desempenho de um único soldado poder ter consequências estratégicas, especialmente se algo acontecer quando as câmeras estiverem filmando. Deve-se reconhecer a constante interação entre os níveis clássicos: estratégico, operacional e tático, além de se acrescentarem a eles três novos níveis de análise

citados por John Boyd⁹ (1927-1997), que para análises e avaliações da 4GW tornam-se determinantes. São eles: o físico, o mental e o moral.

É importante garantir que aquilo que se faz no nível tático não exclua efeitos a nível operacional e estratégico, assim como as ações físicas não devem se isolar do efeito mental e moral para ambos os oponentes, como uma interferência cruzada. Particularmente, para a 4GW, pode-se dizer que o efeito moral torna-se determinante, à medida que se podem observar vitórias táticas, considerando-se pequenas batalhas (nível físico), mas que acarretam em si verdadeiros insucessos operacionais ou estratégicos quando se consideram os efeitos mental e moral. Qualquer desarmonia entre os níveis cria vulnerabilidades que os oponentes numa 4GW serão rápidos em explorar (LIND, 2014).

Em relação à intensidade da força aplicada, os modelos de guerra de irregular¹⁰, como numa insurgência¹¹ servem de exemplo à 4GW e alguns aspectos importantes devem ser notados. Lind (2014) considera que em um mundo onde o Estado está cada vez mais fraco, uma vitória pode facilmente destruir o próprio Estado inimigo, não apenas provocar a mudança do regime. O resultado será apenas o surgimento de uma região apátrida, muito vantajosa do ponto de vista das entidades de 4GW e que segundo Lind (2014) seria uma evidência que indicaria uma derrota do lado mais forte, ainda que se obtivessem melhores resultados físicos ou numéricos. As grandes potências devem aprender a preservar os Estados inimigos ao mesmo

⁹ John Richard Boyd foi um coronel aviador, piloto de caça da Força Aérea dos EUA e consultor do Pentágono durante a segunda metade do século XX. Suas teorias foram altamente influentes nas estratégias e planejamento militar, esportivo, empresarial e de contencioso.

¹⁰ Para fins deste trabalho, em termos práticos, guerra irregular será considerado como todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional (VISACRO, 2009).

¹¹ Para fins deste trabalho, insurgência será considerado um termo historicamente restrito a atos rebeldes que não atingiram as proporções de uma revolução organizada. Posteriormente, tal termo foi aplicado a qualquer revolta armada, tipicamente de caráter guerrilheiro, contra o governo reconhecido de um Estado ou país (BRITÂNICA, 2017). Para David Galula (1919-67), uma insurgência é uma luta prolongada conduzida metodicamente, passo a passo, a fim de alcançar objetivos intermediários específicos que levam finalmente à derrubada da ordem existente (China, 1927-49; Grécia, 1945-50; Indochina, 1945-54; Malásia, 1948-60; Argélia, 1954-62) (GALULA, 1964).

tempo em que os derrotam e na maioria dos casos a chave para preservação do Estado estará em preservar suas forças armadas (LIND, 2014).

Outra característica dos elementos de uma 4GW é o forte uso da ocultação e dispersão, como na guerrilha¹², dessa forma podem lutar uma guerra sem fim. Os irregulares operam dentro das populações, podendo se utilizar de apoio da população ou obrigar sua submissão.

Neste contexto, uma das táticas mais adequadas da 4GW é simplesmente utilizar o próprio modelo de 4GW contra os oponentes. Exceto nas intervenções rápidas, a curto prazo e de efeito duradouro imediato, o método de “não escalar crises” consiste em não dar a um oponente, tecnicamente mais fraco, uma capacidade de alavancar a vantagem moral frente as populações. Na maioria das situações de uma 4GW, é mais importante não ferir as pessoas erradas do que matar oponentes armados (LIND, 2014).

Quanto ao uso da imprensa, na 4GW podem se observar dois tipos distintos de abordagem: defensivo e ofensivo. Na abordagem defensiva o objetivo é minimizar a má imprensa controlando o fluxo de notícias. Já a abordagem ofensiva busca usar a imprensa mais do que controlá-la, embora algumas medidas de controle ainda possam estar em vigor. O fato, que fica claro, é que o não uso dos recursos da mídia acarreta na oportunidade de emprego e aquisição de vantagem no campo mental e moral por parte do oponente (LIND, 2014).

Na interação política, Lind (2014) afirma que a 4GW virou Clausewitz¹³ (1780-1831) de ponta a cabeça. Clausewitz escreveu que a guerra é a extensão da política por outros meios. Já na 4GW pode-se dizer que a política tornou-se a extensão da guerra por outros meios. Para vencer, as forças devem fazer a política local trabalhar para os fins que estão buscando.

¹² Para fins deste trabalho, o referido termo será considerado um tipo de guerra travada por irregulares em ações rápidas e de pequena escala contra forças militares ortodoxas e, ocasionalmente contra forças insurgentes rivais, de forma independente ou em conjunto com uma estratégia político-militar maior (ASPREY, 2021).

¹³ Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz foi um militar do Reino da Prússia que ocupou o posto de General e é considerado um grande estrategista militar e teórico da guerra por sua obra “Da Guerra” (do original em alemão Vom Kriege, tradução nossa).

No nível mais poderoso da guerra, o nível moral, a chave para a vitória é convencer o povo local a se identificar com o Estado, ou pelo menos concordar com ele ao invés de se alinhar com as entidades não estatais (LIND, 2014).

2.1.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A 4GW

Mais adequada ao entendimento e compreensão das guerras do Afeganistão (2001) e Iraque (2003-2011), a teoria de Lind (1989) encontrou na guerra contra o terror um verdadeiro laboratório para suas concepções, assim como significativa aderência prática que por ocasião da última revisão doutrinária estadunidense se materializam numa doutrina que não abriu mão de seus conceitos.

2.2 ZONA CINZENTA

Em sua obra *“Operando na zona cinzenta: um paradigma alternativo para a estratégia militar dos EUA¹⁴”*, 2016, Echevarria enfatiza as chamadas *“medidas aquém da guerra”*, cuja intensificação de seu uso por Estados rivais tem se tornado cada vez mais comum para a ampliação do alcance de suas políticas. Tal conceito não traz inovações, exceto na maneira como tem sido aplicado diante das novas tecnologias. Juntos, esses modos de aplicação têm exposto fraquezas críticas na concepção de guerra do ocidente.

Devido aos últimos acontecimentos na Ucrânia, Síria, Iraque e Mar do Sul da China por exemplo, Echevarria cita que muitos especialistas têm pedido medidas revolucionárias para abordar o que eles consideram erroneamente ser uma nova forma de guerra, chamada *“híbrida”* ou de *“zona cinzenta”*, mas que é, de fato, uma aplicação de estratégias coercitivas clássicas. Segundo Echevarria, para oferecer resposta a tais ameaças, os militares dos EUA precisam ajustar seu paradigma de planejamento de campanha. Esse novo paradigma deve explicar mais

¹⁴ Do original em inglês *“Operating in the Gray Zone: An Alternative Paradigm for U.S. Military Strategy”*, tradução nossa.

do que apenas o uso militar da força cinética durante a guerra, e deve ser mais do que apenas o objetivo de dominar um adversário através de operações decisivas.

Em sua teoria, Echevarria sugere a dinâmica de coerção e dissuasão como um modelo capaz de proporcionar flexibilidade tanto para a prevenção quanto para a resposta à uma crise. Para ele, embora as democracias ocidentais defendam justamente a inviolabilidade da autoridade civil sobre o líder militar, líderes políticos e diplomatas raramente terão o treinamento, o tempo ou a experiência para se tornarem especialistas no uso dessas ferramentas estratégicas, cabendo assim aos profissionais militares fazê-lo.

Neste contexto, Echevarria cita que os movimentos agressivos empreendidos por Moscou na Crimeia e no leste da Ucrânia e por Pequim no Mar do Sul da China são os principais exemplos das guerras abaixo do limiar do artigo 5º da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)¹⁵ e abaixo do nível de violência necessária para se solicitar uma Resolução do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CSONU).

Deve-se dizer, no entanto, que para os ucranianos a “Guerra Russo-Ucraniana” é tudo, menos cinza. Nem a negação de envolvimento do *Kremlin*¹⁶ é realmente persuasiva. Uma maneira de se operar abaixo dos limites políticos e legais é empregar *proxies*¹⁷ regulares, irregulares ou altamente especializados, como voluntários ou milícias, capazes de dar negação plausível a um agressor. De qualquer forma, é possível combater a agressão da zona cinzenta que emprega forças paramilitares ou extramilitares com medidas semelhantes (ECHEVARRIA, 2016).

Sendo assim, para Echevarria, torna-se claro que Moscou e Pequim têm explorado a concepção do ocidente e a aversão de longa data ao conflito armado para atingir o que alguns

¹⁵ O Artigo 5º da OTAN de forma resumida diz que um ataque armado contra um dos membros será considerado um ataque a todos os membros (OTAN, 1949);

¹⁶ Para fins deste trabalho o termo *Kremlin*, que significa “fortaleza dentro de uma cidade”, refere-se a capital russa Moscou.

¹⁷ Para fins deste trabalho o termo *proxies*, comumente relacionado às “guerras por procuração”, refere-se a representantes.

observadores do Pentágono descrevem como objetivos “em tempo de guerra” (ECHEVARRIA, 2016).

2.2.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A ZONA CINZENTA

A exploração da dimensão informacional como um recurso para se atingir os efeitos políticos desejados por um Estado, atualmente é uma realidade intensamente explorada nos dutos dos Estados democráticos e globalizados do ocidente. Frente a este problema, a expressão do poder nacional no que tange ao campo militar, deve rever e adequar suas doutrinas para a correta leitura e compreensão de uma conjuntura híbrida de possibilidades, mas que demanda sobretudo sinergia entre todas as expressões do poder nacional para se planejar e executar ações eficientes e eficazes.

2.3 FUNÇÃO OPERACIONAL CONJUNTA

Conforme abordado na introdução deste trabalho, segundo Vego (2009), o conceito de funções operacionais, ou conjuntas, deriva de forma natural da aplicação da arte operacional. Para elucidar o entendimento de algo que ainda não consta na doutrina de operações conjuntas brasileira¹⁸, o Capitão de Fragata Carlos Macedo¹⁹(1979) explica, em artigo²⁰, que as funções operacionais são fundamentais para o desenvolvimento da interoperabilidade a medida em que elas fornecem a capacidade de se moldar os fatores operacionais força, tempo e espaço.

Segundo Macedo (2021), dificilmente tem-se uma linha de operação em que todos os elementos de força provenientes dos coirmãos Marinha, Exército e Aeronáutica, estarão ao mesmo tempo atuando sobre um mesmo objetivo. Ter as funções operacionais formalizadas em

¹⁸ BRASIL, Ministério da Defesa. MD30-M-01. Vol I e II, *Doutrina de Operações Conjuntas*, Brasília 2020;

¹⁹ O Capitão de Fragata Carlos Macedo é Mestre pelo US Naval War College. Foi instrutor de Estratégia Operacional e encarregado da área de Estudo de Política e Estratégia da Escola de Guerra Naval. Atualmente, exerce o cargo de Chefe do Estado-Maior da Primeira Divisão da Esquadra da Marinha do Brasil.

²⁰ Funções Operacionais ou Funções Conjuntas? O nome pouco importa, desde que incorporemos seu conceito a doutrina brasileira, Revista Marítima Brasileira, v. 141, n. Abril/Junho 2021, p. 188-193;

doutrina, que incorpora teoria testada na prática, facilita a condução dos testes de aceitação das linhas de ação (MACEDO, 2021).

Em definição na *Joint Publication 3-0 (JP 3-0)*²¹, funções conjuntas são capacidades e atividades relacionadas, agrupadas para ajudar os comandantes de forças conjuntas (JFC)²² a integrar, sincronizar e direcionar operações conjuntas. Algumas funções como Comando e Controle (C2), *Information* e Inteligência, se aplicam a todas as operações.

Uma série de tarefas subordinadas, missões e capacidades relacionadas ajudam a definir cada função, e algumas podem se aplicar a mais de uma função conjunta. As funções conjuntas devem ser equilibradas e integradas com a devida consideração dos recursos concorrentes, recursos de suporte múltiplo versus único, mudança de prioridades operacionais e diferenças entre as práticas de componentes de cada força singular (EUA, 2017).

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS ASPECTOS TEÓRICOS

As abordagens teóricas desta seção, que forneceram o embasamento necessário a análise, são apenas um breve resumo a fim de se subsidiar a compreensão do leitor sobre as principais causas da criação da sétima função conjunta norte-americana que elevou a dimensão informacional como meio de se alavancar capacidades para o atingimento de efeitos desejados. Não se pretende com este trabalho esgotar a essência teórica que resultou na última revisão doutrinária dos EUA.

Na próxima seção serão apresentados argumentos por meio de fatos ocorridos nas campanhas dos EUA no Afeganistão (2001) e Iraque (2003-2011), marcadas por ações predominantemente de contra-insurgência²³ no contexto da 4GW.

²¹ Estados Unidos da América (EUA), Department of Defense. *Joint Publication 3-0, Joint Operation*. 17 de Janeiro 2017, última alteração em 22 de Outubro de 2018.

²² Do original em inglês *Joint Force Commander*.

²³ Uma vez iniciada uma guerra revolucionária (não necessariamente com o uso da força), tendo como sujeito desta ação o insurgente, a contra-insurgência vem a ser apenas um efeito da insurgência. A contra-insurgência não pode ser definida, exceto por referência a sua causa (GALULA, 1964).

3 GUERRA CONTRA O TERROR

Nesta seção, serão abordados, de forma sintetizada, os principais fatos que ficaram marcados por ampla divulgação na mídia internacional por ocasião das campanhas militares dos EUA, no decorrer da guerra contra terror no Afeganistão e no Iraque.

Como base para as informações sobre a Guerra do Afeganistão (2001), foi utilizado o enfoque do jornalista Griff Witte²⁴ e para a Guerra do Iraque (2003-2011) foi adotado o compêndio de artigos dos Editores da Enciclopédia Britânica²⁵. Portanto são informações de conhecimento público que coadunam com a proposta deste trabalho de nesta seção sugerir o alinhamento com a teoria da 4GW.

Assim, será dada ênfase nos possíveis insucessos e suas repercussões a fim de se demonstrar ao final, com base nos estudos realizados pelo DOD, uma breve síntese das lições aprendidas. Tais lições foram determinantes para sua inclusão, de forma direta ou indireta, na última revisão doutrinária estadunidense que incluiu *information* como sétima função operacional conjunta.

3.1 A GUERRA DO AFEGANISTÃO E SEUS INSUCESSOS

Em 07 de outubro de 2001, os EUA e seus aliados iniciaram as operações no Afeganistão para interromper o uso daquele país como base terrorista de operações, e para atacar a capacidade militar do regime Talibã²⁶, a chamada Operação Liberdade Duradoura. Os

²⁴ Griff Witte é correspondente do jornal de *Washington Post* e atual chefe do escritório em Londres, além de um dos editores da enciclopédia Britânica. Até o final desta pesquisa não foi possível encontrar seu ano de nascimento.

²⁵ A editora Britânica possui uma política editorial que data da década de 1970 onde o reconhecimento formal de grande parte de suas obras é atribuído a “Editores da Enciclopédia Britânica”. A lista de nomes dos autores encontra-se disponível acordo referências ao final deste trabalho (BRITANNICA, 2021).

²⁶ Para fins deste trabalho, Talibã será considerado uma facção política e religiosa ultraconservadora que surgiu em meados da década de 1990 após retirada das tropas soviéticas (BRITANNICA, 2021);

ataques ao Talibã e à Al-Qaeda²⁷ foram uma resposta aos ataques de 11 de setembro que danificaram o Pentágono e destruíram o *World Trade Center* (COX, 2006).

As tarefas de derrotar a Al-Qaeda no Afeganistão e remover o Talibã do poder foram rapidamente cumpridas, o que se pode chamar de uma primeira fase. Em dezembro de 2001, os esforços mudariam para ajudar a estabelecer um governo viável de longo prazo no Afeganistão. Começava uma segunda fase da operação (COX, 2006). De 2002 a 2008, a estratégia estadunidense foi marcada por derrotar militarmente o Talibã e reconstruir instituições centrais do Estado afegão (WITTE, 2020).

Posteriormente, numa terceira fase, houve uma volta para a doutrina clássica de contra-insurgência que foi iniciada em 2008 e acentuada com a decisão do então Presidente Barack Obama de aumentar temporariamente a presença de tropas no Afeganistão. Tal incremento foi utilizado para implementar uma estratégia de proteger a população dos ataques do Talibã e apoiar os esforços para reintegrar os insurgentes à sociedade afegã (WITTE, 2020).

A partir de 2011, as responsabilidades seriam gradualmente entregues aos militares e policiais afegãos. Essa nova abordagem em grande parte não conseguiu atingir seus objetivos. Ataques insurgentes e baixas civis permaneceram altos, enquanto muitas das unidades militares e policiais afegãs mostravam-se mal preparadas para assumir suas funções.

A campanha, que começou secretamente em 26 de setembro de 2001, com uma equipe da Agência Central de Inteligência²⁸ (CIA), tinha inicialmente uma esperança, por parte das autoridades de, em parceria com os afegãos, evitar o envio de uma grande força para o Afeganistão. Naquela altura, havia uma preocupação em não ser atraído para uma ocupação prolongada, como havia ocorrido com os soviéticos mais de duas décadas antes.

²⁷ Para fins deste trabalho, Al Qaeda será considerada ampla organização militante islâmica fundada por Osama Bin Laden (1957-2011) no final da década de 1980 (BRITANNICA, 2021);

²⁸ Do original em inglês *Central Intelligence Agency*.

Kandahar, maior cidade do sul do Afeganistão e a casa espiritual do Talibã, caiu em 06 de dezembro, marcando o fim do poder Talibã. Em março de 2002, a Operação Anaconda na província oriental de Paktia marcou a entrada de tropas de outros países na guerra: forças de operações especiais da Austrália, Canadá, Dinamarca, França, Alemanha e Noruega participaram. Com o recuo do Talibã para áreas rurais do Afeganistão e através da fronteira com o Paquistão, foi selecionado, numa manobra de bastidores dos EUA junto à ONU, o então líder tribal Hamid Karzai²⁹ para liderar o país em caráter provisório (WITTE, 2020).

Em abril de 2002, Bush anunciou um “Plano Marshall”³⁰ para o Afeganistão, prometendo assistência financeira substancial. Naquela altura, a principal atenção já estava voltada para o Iraque e os esforços de desenvolvimento foram inadequadamente financiados. Entre 2001 e 2009, pouco mais de US\$ 38 bilhões em assistência humanitária e de reconstrução foram investidos, sendo mais da metade para treinamentos e equipagens das forças de segurança afegãs.

Tal programa de ajuda também foi prejudicado por desperdícios e confusão sobre a divisão de responsabilidades entre as autoridades civis e militares no que tange à liderança dos projetos de educação, saúde, agricultura e outros desenvolvimentos. À medida que os combates se arrastavam e as baixas aumentavam, a guerra perdeu popularidade em muitos países ocidentais, criando pressão política interna pela retirada de tropas.

Em 09 de outubro de 2004, foram realizadas as primeiras eleições democráticas afegãs desde a queda do Talibã, sendo dado a Karzai um mandato completo de cinco anos. A constituição afegã de 2004 forneceu um governo central poderoso e autoridades regionais e locais fracas, uma estrutura que estava em oposição às tradições de longa data do país.

²⁹ Político afegão, filho do chefe dos Popalzai Pashtuns, que foi o primeiro presidente eleito do Afeganistão (2004-2014) (BRITANNICA, 2021).

³⁰ Para fins deste trabalho, “Plano Marshal” será considerado o, conhecido oficialmente como Programa de Recuperação Europeia, que foi o principal plano dos Estados Unidos para a reconstrução dos países aliados da Europa nos anos seguintes a Segunda Guerra Mundial (BRITANNICA,2020).

A partir de 2005, a violência aumentou à medida que o Talibã reafirmou sua presença com novas táticas inspiradas naquelas que estavam sendo usadas por insurgentes no Iraque. Entre janeiro de 2005 e agosto de 2006, o Afeganistão sofreu 64 ataques suicidas, uma tática praticamente desconhecida naquele país antes disso, os chamados “dispositivos explosivos improvisados”. O ressurgimento do Talibã correspondeu a um aumento no sentimento anti-estadunidense e anti-ocidental entre os afegãos. Esses sentimentos foram nutridos pelo ritmo lento da reconstrução, alegações de abuso de prisioneiros em instalações de detenção dos EUA, corrupção generalizada no governo afegão e vítimas civis causadas por bombardeios dos EUA e da OTAN.

Em 2007, a percepção era de que o sucesso estava limitado a matar ou capturar comandantes do Talibã e os principais líderes permaneciam foragidos, muitos deles nas regiões tribais do Paquistão. Essa realidade levou os EUA a iniciar um programa de ataque a líderes insurgentes que viviam no Paquistão com mísseis disparados de aeronaves remotamente pilotadas (ARP). Tal programa da CIA foi publicamente negado por autoridades dos EUA. Autoridades paquistanesas, por sua vez, denunciaram os ataques em público, mas aprovavam as ações no particular, desde que as baixas civis fossem limitadas. Tratava-se de uma forma dos EUA pressionarem o Paquistão a demonstrar maior cooperação na luta contra o Talibã (WITTE, 2020).

Em 17 de fevereiro de 2009, o Presidente Obama aprovou o envio de mais 17.000 soldados dos EUA, além dos 36.000 já existentes e dos 32.000 militares da OTAN. Três meses depois promoveu a substituição do General David McKiernan pelo General Stanley McCrystal. Enquanto McKiernan estava mudando a estratégia dos EUA no Afeganistão, Obama e sua assessoria concluíram que uma mudança mais radical era necessária (WITTE, 2020).

McCrystal foi levado para implementar uma nova estratégia aos moldes do que houvera sido feito no Iraque. Uma estratégia em que as forças dos EUA se concentrariam em

proteger a população dos insurgentes em vez de simplesmente tentar neutralizar um grande número de militantes. Tal estratégia também envolvia tentar persuadir os combatentes inimigos a deserdar e, finalmente, incentivar a reconciliação entre o governo de Karzai e os líderes do Talibã.

Logo após assumir o comando, McCrystal concluiu que não tinha tropas suficientes para executar a nova estratégia e, em setembro de 2009, expôs suas preocupações em um relatório confidencial, que posteriormente vazou para a imprensa. McCrystal previu que a guerra seria perdida dentro de um ano se não houvesse um aumento significativo de seu efetivo. Após uma intensa revisão da política afegã (foram duas em menos de um ano), Obama anunciou uma grande escalada no esforço de guerra com um incremento de 30.000 soldados a serem enviados até o final de 2010.

A nova estratégia levou a um aumento nas mortes em combate dos EUA e a uma escalada de ataques por ARP dos EUA no Paquistão. Em 28 de março de 2010, Obama visitou o Afeganistão, pela primeira vez como presidente, levando uma severa mensagem a Karzai. O mandatário afegão, que ganhara um novo mandato de cinco anos em eleições contaminadas por alegações de fraude em 2009 e que prometera, em discurso, acabar com a corrupção em seu governo, chegou a ameaçar se juntar ao Talibã caso a comunidade internacional não parasse de se intrometer nos assuntos afegãos. Naquele momento, a manutenção da guerra parecia interessante ao regime corrupto de Karzai (WITTE, 2020).

Em junho de 2010, a estrutura de comando militar no Afeganistão mudou novamente, tendo o Presidente substituído o General McCrystal pelo General David Petraeus. Tal mudança veio logo após McCrystal e alguns de seus assessores fazerem comentários depreciativos sobre Obama e outras autoridades da alta administração a um repórter da revista *Rolling Stone*. Apesar da mudança, a estratégia não mudaria. Petraeus era considerado o principal arquiteto da doutrina de contra-insurgência nas forças armadas dos EUA e a ideia era

continuar a ênfase de McCrystal na proteção da população afegã contra insurgentes, na construção de instituições governamentais afegãs e na busca de limitar as baixas civis.

Pouco depois da demissão do General McCrystal, documentos confidenciais de inteligência referentes ao período de 2004 a 2009 foram publicados on-line sob o título de “Diário de Guerra Afegã” pela *WikiLeaks*³¹. O governo dos EUA criticou a divulgação como uma violação de segurança, mas afirmou que a substância do vazamento correspondia a outras informações conhecidas e não continha novas informações.

Quase dez anos depois de escapar da captura em Tora Bora, Bin Laden foi morto pelas forças dos EUA em 02 de maio de 2011, após a inteligência localizá-lo vivendo no complexo de Abbottabad no Paquistão. No mês seguinte, o Secretário de Defesa estadunidense confirmou pela primeira vez que o governo estava mantendo negociações de reconciliação com o Talibã, embora tenha enfatizado que os esforços para negociar o fim do conflito ainda estavam em fase preliminar.

Em junho de 2011, o Presidente Obama anunciou um calendário de retirada das forças dos EUA do Afeganistão dizendo que os EUA haviam alcançado em grande parte seus objetivos interrompendo as operações da Al-Qaeda e neutralizando muitos de seus líderes. Em setembro, os esforços para acabar com o conflito sofreram um revés quando Burhanuddin Rabbani (1940-2011), um ex-presidente afegão, e uma figura chave nas negociações de reconciliação, foi assassinado por um homem-bomba.

No início de 2012, uma série de incidentes entre os EUA e o governo afegão provocaram indignação pública. Em janeiro, um vídeo mostrando fuzileiros navais urinando em afegãos mortos circularam na mídia, recebendo desculpas de autoridades dos EUA.

³¹ Para fins deste trabalho, a expressão *WikiLeaks* refere-se a organização de mídia e site que funcionava como um centro de compensação para informações classificadas ou privilegiadas. Foi fundada em 2006 pelo programador e ativista de computador australiano Julian Assange (RAY, 2020).

Semanas depois, os afegãos se revoltaram e realizaram protestos por relatos de que soldados dos EUA haviam descartado e queimado cópias do Alcorão em uma base militar.

Em março um soldado estadunidense supostamente deixou uma base perto de Panjwai e invadiu várias casas, matando dezessete afegãos, a maioria mulheres e crianças. Esse incidente provocou manifestações generalizadas e uma condenação aguda de Karzai. Alguns dias depois, o Talibã suspendeu a participação em negociações com os EUA e o governo afegão. Naquele mesmo ano, os esforços da OTAN para treinar e equipar o exército e a polícia afegãos foram prejudicados por um aumento nos ataques onde soldados e policiais afegãos se rebelaram contra soldados da OTAN.

Entre desencontros políticos, estratégias equivocadas e duras lições aprendidas a nível operacional e tático, a intervenção estadunidense no Afeganistão parece estar finalmente próxima do fim. Ao que tudo indica, a missão estadunidense em solo Afegão será formalmente encerrada no presente ano.

3.2 A GUERRA DO IRAQUE E SEUS INSUCESSOS

A Guerra do Iraque (2003-2011), também chamada de Segunda Guerra do Golfo Pérsico (2003-2011), consistiu-se em um conflito de duas fases. A primeira fase tratando-se de uma breve guerra convencionalmente travada de março a abril de 2003 (também conhecido como período das grandes operações), na qual a força combinada de EUA e Grã-Bretanha (com contingentes menores de vários outros países) invadiu o Iraque e derrotou rapidamente as forças militares e paramilitares iraquianas. A segunda fase foi mais longa, na qual uma ocupação do Iraque liderada pelos EUA se opôs a uma insurgência (BRITÂNICA, 2021).

Após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a estratégia adotada pelo Presidente George W. Bush além dos planos de uma caçada aos responsáveis no Afeganistão, não deixou de contemplar a possibilidade de intervenção no Iraque, dada a conjuntura daquele país nos últimos anos vir a contribuir para uma suposta posse contínua e fabricação de armas

de destruição em massa, além de seu apoio a grupos terroristas como a Al-Qaeda. A vulnerabilidade dos EUA exposta nos ataques terroristas impunha uma necessidade de se desarmar o Iraque.

Apesar do Iraque parecer aos olhos da Organização das Nações Unidas (ONU) estar em conformidade com a resolução 1441 do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CSONU) de 08 de novembro de 2002, que exigia a readmissão de inspetores e o cumprimento de todas as resoluções anteriores sobre a não proliferação de armas químicas e de destruição em massa. O Presidente Bush e o primeiro-ministro britânico Tony Blair declararam que o Iraque continuava a produzir armas proibidas e a impedir as inspeções da ONU.

Em 17 de março de 2003, considerando inúteis os esforços diplomáticos para o cumprimento das resoluções da ONU, Bush declarou o fim da diplomacia e emitiu um ultimato a Saddam Hussein (1937-2006), dando ao Presidente iraquiano 48 horas para deixar o Iraque. Líderes da França, Alemanha, Rússia e outros países se opuseram ao chamado acúmulo de guerra.

Na manhã de 20 de março, forças aliadas lançaram um ataque com bombas guiadas com precisão em um complexo de *bunkers*³² no qual se acreditava estar o presidente iraquiano e sua equipe. Seguiram-se intensos bombardeios contra instalações militares e governamentais e em poucos dias os EUA já invadiram o Iraque a partir do Kuwait ao sul.

Assim como ocorreu no Afeganistão, os primeiros dias da ação militar foram marcados por uma aparente baixa resistência dos oponentes, uma verdadeira retirada. No sul a maior resistência era de grupos irregulares de partidários do *Baath*³³ conhecidos como *Saddam's Fedayeen* e no centro a Guarda Republicana³⁴ era responsável pela defesa de Bagdá.

³² Para fins deste trabalho, o referido termo significa abrigo subterrâneo.

³³ Para fins deste trabalho, *Baath* será considerado Partido Socialista Árabe Renascentista. É um partido político pan-árabe que defende a formação de uma única nação socialista árabe (BRITÂNNICA, 2021).

³⁴ Para fins deste trabalho, Guarda Republicana refere-se a um grupo paramilitar fortemente armado conectado ao partido no poder (BRITÂNNICA, 2021).

A resistência iraquiana, embora as vezes vigorosa, foi altamente desorganizada e em 09 de abril os EUA assumiram o controle da capital (BRITÂNICA, 2021).

A cidade natal de Saddam, Tikrit, último grande reduto do regime, caiu em 13 de abril. Os EUA declararam o fim do chamado “grande combate” em 10 de maio. Saddam Hussein foi capturado em 13 de dezembro e entregue as autoridades iraquianas para ser julgado por vários crimes, sendo posteriormente condenado por crimes contra a humanidade e executado em 30 de dezembro de 2006.

Após o colapso do regime “*Baathista*”, as principais cidades do Iraque entraram em erupção com uma onda de saques que foi direcionada principalmente a escritórios do governo e outras repartições públicas, tanto atos de violência criminal comum quanto atos de represália ao antigo regime. Restaurar a lei e a ordem foi uma das tarefas mais árduas para as forças de ocupação. O confronto logo se desenvolveu em uma guerra de guerrilha em grande escala. Cada vez mais o conflito passou a ser identificado como uma guerra civil, embora o governo Bush evitasse usar esse termo e aderisse ao rótulo de “violência sectária³⁵”.

Os contínuos ataques de guerrilha as forças de ocupação e líderes do governo iraquiano nos anos após a guerra só agravaram a necessidade de se reconstruir o Iraque. A violência sectária que envolveu o país causou um enorme caos, com assassinatos brutais por milícias rivais Shi Shii³⁶ e Sunitas (BRITÂNICA, 2021).

A opinião pública na Europa e Oriente Médio era esmagadoramente contra a guerra. Muitos no Oriente Médio a viam como uma nova marca do imperialismo antiárabe e anti-islâmico e a maioria dos líderes árabes condenou a ocupação de um país árabe por tropas estrangeiras. Nos EUA, inicialmente a reação a guerra foi mista, mas à medida que a violência

³⁵ Para fins deste trabalho, “violência sectária” refere-se à violência praticada pela obstinação e inflexibilidade entre seitas, religiões ou grupos ideológicos. No caso do Iraque, a violência entre muçulmanos sunitas e xiitas, principalmente.

³⁶ Para fins deste trabalho, será considerado milícia composta por membros do menor dos dois principais ramos do Islã, o Shi Shiah, distinguido da maioria sunita (NEWMAN,2020).

continuava e as baixas aumentavam, no entanto, cresciam as críticas a administração Bush pelo manuseio incorreto da ocupação do Iraque (BRITÂNNICA, 2021).

Em julho de 2004, uma comissão bipartidária dos EUA formada para investigar os ataques de 11 de setembro informou que não havia evidências de uma “relação operacional colaborativa” entre o governo *baathista* e a Al-Qaeda, uma contradição direta com uma das principais justificativas do governo dos EUA para a guerra.

As reivindicações pré-guerra de Bush, o fracasso dos serviços de inteligência dos EUA em avaliar corretamente a capacidade de fabricação de armas do Iraque e o fracasso em encontrar armas de destruição em massa tornaram-se grandes pontos de debate político. A guerra foi uma questão central nas eleições estadunidenses de 2004, que Bush venceu por pouco.

Em janeiro de 2007, o Presidente Bush anunciou um plano controverso para aumentar temporariamente o número de tropas em 20.000. O ano de 2007 foi o mais mortal para as tropas dos EUA desde 2004 e os níveis de violência a partir de então passaram a ser decrescentes, uma visão atribuída não apenas ao aumento do efetivo em si, mas a uma confluência de fatores. Entre estes destacam-se a mudança tática para o modelo de contra-insurgência, o Despertar Sunita³⁷ e a paz voluntária observada pelo exército Mahdí³⁸ a partir de agosto daquele ano (BRITÂNNICA, 2021).

Após um 2008 de negociações, Barak Obama anunciou, em fevereiro de 2009, que a retirada das tropas de combate ocorreria até 13 de agosto de 2010 e as tropas restantes até o final de 2011. Em 18 de agosto de 2010, a última brigada de combate deixou o Iraque, 50.000 soldados dos EUA permaneceram como força de transição.

³⁷ Para fins deste trabalho, será considerado movimento no qual tribos sunitas que anteriormente lutavam contra as tropas americanas eventualmente se realinharam para ajudar a combater outros insurgentes, particularmente aqueles afiliados à Al-Qaeda (BRITÂNNICA, 2021);

³⁸ Para fins deste trabalho, será considerado grupo de milícias iraquianas (ShiShii) formado pelo clérigo Muqtadã Al Adr no verão de 2003. Foi praticamente mortal em sua batalha contra sunitas e forças dos EUA/iraquianas, sendo considerado uma grande força desestabilizadora no Iraque (BRITÂNNICA, 2021);

Em outubro de 2009, o governo iraquiano divulgou sua estimativa de mortes violentas para o período de 2004 a 2008 e de acordo com a estimativa do governo, mais de 85.000 iraquianos, entre civis e militares haviam morrido violentamente (BRITÂNICA, 2021).

Em outubro de 2010, a *WikiLeaks*, semelhante ao que foi feito em julho do mesmo ano em relação aos dados de guerra do Afeganistão, divulgou mais de 400.000 documentos militares secretos relacionados a Guerra do Iraque. Tais documentos, assim como os do Afeganistão, não mudaram radicalmente a compreensão pública da guerra, mas revelaram informações detalhadas sobre sua condução diária (BRITÂNICA, 2021).

Em 2011, a administração Iraquiana sofreu fortes reflexos da Primavera Árabe³⁹ e voltou a mergulhar numa forte onda de protestos e manifestações contra o governo, além dos elevados níveis de violência sectária. As tropas estadunidenses se retiraram oficialmente do Iraque em dezembro de 2011, na gestão de Obama. A atuação estadunidense no Iraque teria mais um capítulo em 2014, mas dessa vez a convite do governo Iraquiano para liderar uma coalizão que expulsasse o Estado Islâmico no Iraque e no Levante (EIIL)⁴⁰, também conhecido como Estado Islâmico no Iraque e na Síria (ISIS)⁴¹.

3.3 ASPECTOS CONCLUSIVOS DA GUERRA AO TERROR

Para Cohen⁴² (2016), em sua obra “*O Porrete: Os Limites do Poder Brando e a Necessidade da Força Militar*”⁴³, não pode haver uma consideração sólida da futura estratégia americana sem perguntar as guerras no Afeganistão e no Iraque, o que deu certo, o que deu

³⁹ Para fins deste trabalho, será considerado onda de protestos e revoltas pró-democracia que ocorreram no Oriente Médio e Norte da África a partir de 2010 e 2011, desafiando alguns dos regimes autoritários arraigados da região (BRITÂNICA, 2021).

⁴⁰ Para fins deste trabalho, será considerado grupo insurgente sunita transnacional que opera principalmente no oeste do Iraque e no leste da Síria (BRITÂNICA, 2019).

⁴¹ Do original em inglês *Islamic State in Iraq and Syria*.

⁴² Eliot A. Cohen é professor da Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade de Johns Hopkins e foi Conselheiro do Departamento de Estado dos EUA de 2007 a 2009.

⁴³ Do original em inglês “*The Big Stick: The Limits of Soft Power & the Necessity of Military Force*”, tradução nossa.

errado e quais os efeitos persistentes. Neste sentido, em junho de 2012, o Comando Conjunto Estadunidense, por intermédio do Departamento de Defesa (DOD⁴⁴), apresentou um compêndio de onze lições da última década de guerra, chamado “*Lições Duradouras da Última Década de Operações*”⁴⁵”.

Dentre as lições estudadas, elegemos as três que mais se aproximam das experiências que coadunam com a abordagem teórica utilizada para a constituição da função conjunta *information*, são elas: conhecer o ambiente, mudar paradigmas e saber lutar uma batalha de narrativas.

3.3.1 CONHECENDO O AMBIENTE

As guerras do Afeganistão e do Iraque renderam diversos estudos e conclusões que certamente marcaram o futuro da doutrina das Forças Armadas dos EUA. O desconhecimento do ambiente operacional levou a um descompasso entre forças, capacidades, missões e metas. O ambiente operacional envolve não só a ameaça, mas também os elementos físicos, informativos, sociais, culturais, religiosos e econômicos do meio ambiente. Cada um desses elementos foi importante para se compreender as causas básicas dos conflitos, desenvolver uma abordagem adequada e antecipar efeitos de segunda ordem (EUA, 2012).

No Iraque, após as grandes operações iniciais de 2003, a estratégia foi alterada para o estabelecimento de uma infraestrutura nacional de longo prazo, ignorando os primeiros sinais de uma insurgência. Planos militares incluíam suposições sobre a rápida reconstituição das instituições iraquianas, no entanto, na prática formou-se uma “lacuna de segurança” que durou anos e se ampliou ao longo do tempo, reduzindo a eficácia do esforço de reconstrução. Tal fato também contribuiu para que a população perdesse a confiança nas forças de coalizão e no governo iraquiano, o que permitiu a elementos terroristas e criminosos prosperar. No

⁴⁴ Do original em inglês *Department of Defense*, tradução nossa.

⁴⁵ Do original em inglês “Decade of War, Enduring Lessons From The Past Decade of Operations”, tradução nossa.

Afeganistão, o foco inicial era no governo, portanto, ignorou as preferências históricas tribais e culturais, bem como as vantagens práticas de uma abordagem de baixo para cima (EUA, 2012).

Por outro lado, a abordagem tradicional em coleta de informações mostrou-se insuficiente a nível local, uma vez que focavam em ações inimigas e careciam de conteúdos referentes a identidades étnicas e tribais, religião, cultura, política e economia. Este tipo de atividade, com foco nas populações passou a ser feito conforme processos de aprendizados e descobertas, o que levou a grandes gastos com retorno limitado, bem como oportunidades desperdiçadas de se obter sinergia (EUA, 2012).

3.3.2 MUDANÇA DE PARADIGMAS

Outro importante aspecto observado como uma mudança de paradigma diz respeito ao emprego do modelo de guerra convencional que a curto prazo e de forma cirúrgica mostrasse inquestionável, porém em ações que se alongam acabam por demandar uma complexa readequação do emprego da força a fim de se perceber e alcançar o efeito desejado (EUA, 2012).

Tanto no Afeganistão quanto no Iraque, os adversários prevendo a capacidade convencional das forças de coalizão, decidiram empregar meios assimétricos de combate. Assim sendo, as forças tiveram que se adequar a uma abordagem indireta do inimigo, além do compromisso com a discriminação e precisão em relação aos alvos (EUA, 2012).

As forças estadunidenses descobriram que havia cenários de abordagem colaborativa para o uso da força a partir da limitação dos danos colaterais. Era possível manter ou aumentar a eficácia da missão, à medida que se reduziam baixas civis e inversamente, grupos insurgentes foram fortalecidos e a liberdade de ação reduzida quando fossem causadas tais baixas, principalmente quando um incidente assumia dimensões políticas ou destacado na mídia internacional (EUA, 2012).

A guerra convencional apresenta uma estrutura hierárquica de comando de cima para baixo para gerenciar diferentes forças e apoiar os elementos militares contra o centro de gravidade das forças inimigas. Esse arranjo mostrou-se ineficaz para as campanhas centradas na população, uma vez que a flexibilidade e a delegação de poder ao nível mais baixo e mais apropriado promoveram sucesso neste tipo de operação (EUA, 2012).

Os comandantes deliberadamente descentralizaram autoridades e capacidades para se adequar ao tipo de missão, fornecendo a intensão da estratégia e permitindo aos subordinados a liberdade para inovar e explorar alternativas táticas dentro de limites. Foram desenvolvidos arranjos flexíveis de comando e controle que combinavam as vantagens da descentralização com a capacidade de efeitos em massa proporcionada pela centralização (EUA, 2012).

Ao contrário de uma guerra convencional, no Iraque e no Afeganistão, o sucesso dependia da construção da capacidade local e da manutenção dos resultados positivos. Tal necessidade sobrecarregou militares e o governo dos EUA. Essa carga foi ampliada pela falta de preparação para este tipo de missão e agravada pelo ambiente de segurança fragilizado no qual as agências civis e os departamentos normalmente operavam (EUA, 2012).

3.3.3 BATALHA DE NARRATIVAS

Em se tratando dos insucessos nas guerras do Iraque e Afeganistão, talvez a demora em se perceber e reconhecer a importância da integração informacional e da batalha pela narrativa na obtenção de objetivos em todos os níveis representou um dos aspectos mais importantes.

O uso pelo inimigo do efeito de uma “primeira impressão”, mesmo quando falsa, passou a ser extremamente relevante. Por exemplo, uma detonação prematura de explosivo improvisado na cidade de Kandahar, que resultou em muitas baixas civis, foi rapidamente (e falsamente) relatado como sendo um ataque por ARP. Embora não seja verdade, anos depois moradores ainda acreditavam que as baixas foram provocadas pela coalizão (EUA, 2012).

A imagem dos EUA foi frequentemente manchada por ações táticas que contradiziam os valores ou estratégias como o escândalo de *Abu Ghraib*⁴⁶ no Iraque e a queima de Alcorões na primavera de 2012. Tais eventos, anos mais tarde, foram citados por terroristas como motivação para atacar os EUA (EUA, 2012).

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A GUERRA CONTRA O TERROR

A aderência teórica da 4GW às práticas observadas no Afeganistão e Iraque não foram as únicas a influenciar a última revisão doutrinária norte americana. Na próxima seção serão abordados alguns aspectos que suscitaram uma preocupação totalmente diferente da analisada nesta, mas que, pela sua complexidade e abrangência, encontra uma característica de denominador comum para a deficiência estadunidense na exploração da dimensão informacional.

⁴⁶ Para fins deste trabalho, prisão a oeste de Bagdá onde foram denunciados abusos por soldados estadunidenses (BRITANNICA, 2021).

4 GUERRA DA INFORMAÇÃO

A guerra da Informação não é uma novidade. Na batalha de Thermopylae, em 480 AC, o Império Persa de Xerxes usou táticas de intimidação para quebrar a vontade das Cidades-Estados gregas. Ocorrendo abaixo do nível de conflito armado, a guerra da Informação é o “braço” das operações militares e governamentais para proteger e explorar o ambiente da informação. É uma forma de guerra política onde os alvos incluem o governo de um estado-nação, a expressão militar, o setor privado e a população em geral (THEOHARY, 2018).

Ela é conduzida não só em crise, conflito e guerra no sentido operacional, mas também em tempo de paz. Seja atacando agências governamentais, lideranças políticas ou mídia de notícias, a fim de influenciar a opinião pública ou obrigar os tomadores de decisão a tomar certas ações. Em última análise, o alvo das atividades de uma guerra de informação é a cognição humana.

Desde os ataques de 11 de setembro, os EUA têm lutado para contextualizar sua campanha global contra o terrorismo a fim de determinar a melhor maneira de empregar suas ferramentas diplomáticas, informacionais, militares e econômicas para alcançar seus objetivos estratégicos. Na guerra contra o terror se apoiou principalmente em meios táticos, como drones e na utilização generalizada das forças de operações especiais, em detrimento de forjar uma estratégia mais ampla de guerra política e de informação contra grupos islâmicos radicais (CARSMAN, 2018).

A guerra da Informação demanda um esforço de toda sociedade, na qual os civis podem estar conscientes ou inconscientemente funcionando como “agentes representantes” em nome de um governo. De acordo com Catherine Theohary⁴⁷, a Rússia estaria usando

⁴⁷ Catherine A. Theohary é especialista em política de segurança nacional, operações cibernéticas e operações de informação. Atualmente ela trabalha no Serviço de Pesquisa do Congresso dos EUA e é autora de diversos artigos sobre a guerra de informação. Não foi possível encontrar seu ano de nascimento até o final desta pesquisa.

ferramentas de mídia social para espalhar uma mistura de propaganda e desinformação deliberadamente enganosa ou corrompida.

Tais táticas incluem violações de dados de membros de partidos políticos dos EUA, lançamentos em rede e possível manipulação de documentos confidenciais na tentativa de influenciar as eleições presidenciais dos EUA e a manipulação de informações disponíveis sobre suas atividades na Ucrânia (THEOHARY, 2018).

Nesta seção, serão analisados fatos expoentes da atuação russa na anexação da Criméia, como sugere Echevarria (2016) em seu estudo sobre as operações em zona cinzenta e posteriormente será procedida uma análise das evidências apresentadas pelo Departamento Federal de Investigação (FBI⁴⁸) e da Agência de Segurança Nacional (NSA⁴⁹) acerca da interferência russa nas eleições presidenciais dos EUA em 2016.

4.1 ANEXAÇÃO DA CRIMEIA

Quando as forças russas entraram na Península da Criméia em 02 de março de 2014, preventivamente, a estrutura de telecomunicações da Criméia foi desativada, os principais sites ucranianos e telefones de autoridades ucranianas bloqueados. As forças russas efetivamente isolaram a Criméia no ambiente da informação, o que contribuiu para definir as condições necessárias para o rápido ataque físico (KELLY, 2020).

Em maio de 2014, o oficial ucraniano Yaroslav Sherstuk⁵⁰ projetou um aplicativo de telefone celular para diminuir o processo de designação de alvos de artilharia de minutos para menos de quinze segundos. O aplicativo teve sucesso inicial com mais de nove mil soldados ucranianos usando-o para realizar missões de fogo contra as forças russas (KELLY, 2020).

⁴⁸ Do original em inglês *Federal Bureau of Investigation*, tradução nossa.

⁴⁹ Do original em inglês *National Security Agency*, tradução nossa.

⁵⁰ Para fins deste trabalho, não foi possível encontrar o ano de nascimento do referido oficial, até o final desta pesquisa.

No entanto, a empresa de segurança independente *CrowdStrike* relatou um ataque russo ao aplicativo por meio de *malware*⁵¹ onde para os russos seria possível mapear a composição e a hierarquia de uma unidade, determinar seus planos e até triangular sua localização aproximada. As forças russas, presumivelmente usaram o *malware* para atingir unidades de artilharia ucranianas que empregavam o referido aplicativo (KELLY, 2020).

Outras atividades realizadas fora do ciberespaço incluem a produção de programas de televisão pró-Rússia e transmissões em áreas de língua russa da OTAN, o envio de soldados na Ucrânia para fins de propaganda e o uso de “pequenos homens verdes”, soldados armados sem insígnias, permitindo a negação plausível de uma incursão militar na Criméia, criando medo e intimidação entre a população local (THEOHARY, 2018).

Embora diversos outros fatores tenham contribuído para a capacidade da Rússia de anexar a Criméia, estes exemplos demonstram como os adversários dos EUA estão aproveitando as capacidades oferecidas pela tecnologia da informação e integrando meticulosamente essas capacidades no planejamento e execução de operações (KELLY, 2020).

4.2 ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2016

Em 06 de janeiro de 2017, o Escritório do Diretor de Inteligência Nacional (ODNI⁵²) divulgou um relatório sobre as atividades e intenções russas relacionadas a eleição presidencial dos EUA em 2016. Tal relatório afirma que a CIA, o FBI e a NSA têm “alta confiança” de que o presidente russo Vladimir Putin (1952) “ordenou uma campanha de influência em 2016 destinada à eleição presidencial” a fim de “minar a fé pública no processo

⁵¹ Para fins deste trabalho, *malware* será considerado termo que vem da fusão de “*malicious*” (malicioso, em inglês) com “*software*” e serve para definir qualquer tipo de aplicação cujo objetivo é causar danos ou qualquer tipo de prejuízo ao usuário: roubo de dados, interceptação de informações, sequestro de dados para resgate, bombardeio de anúncios, danos físicos ao sistema, corrupção de dados ou simplesmente irritação (GARRETT, 2021).

⁵² Do original em inglês Office of the Director of National Intelligence, tradução nossa.

democrático dos EUA, denegrir Hillary Clinton prejudicando sua elegibilidade e potencial presidência” (THEOHARY, 2018, p.10, tradução nossa).

Os prováveis efeitos colaterais dessas atividades incluem o comprometimento da fidelidade das informações, o cultivo da discórdia e dúvida no público estadunidense sobre a validade dos relatórios da comunidade de inteligência, o que acaba suscitando perguntas sobre a legitimidade do próprio processo democrático (THEOHARY, 2018).

A natureza dessas atividades, particularmente adulterando os processos e sistemas democráticos internos de uma nação soberana, levantou questões sobre se elas constituem um ato de guerra ou de espionagem. Embora a doutrina russa sugira que essas atividades subversivas sejam uma maneira de “preparar o campo de batalha” antes de um conflito, também pode ser o próprio conflito. A guerra da Informação é uma maneira de enfraquecer um adversário militarmente superior sem disparar um único tiro (THEOHARY, 2018).

4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A GUERRA DA INFORMAÇÃO

Ao finalizar esta seção, torna-se importante deixar claro que a exploração do ambiente informacional a fim de se obter efeitos desejados a nível político tem sido uma prática observada e discutida pelos EUA não apenas pela Rússia (talvez a mais avançada), mas por seus principais adversários como China, Coréia do Norte, Irã e ISIS. Demandando desta forma, diversos estudos que, assim como o de Catherine Theohary (2018), alertam para a necessidade de atualizações no modo estadunidense de compreender a guerra.

Na próxima seção, finalizando o desenvolvimento argumentativo deste trabalho, será apresentado um resumo da abordagem doutrinária que inclui a função conjunta *information* de forma a apresentar a aderência entre teoria e realidade consolidada numa doutrina que eleva a relevância dos aspectos informacionais para o ambiente de guerra.

5 A FUNÇÃO CONJUNTA *INFORMATION*

Esta seção apresenta uma síntese da abordagem doutrinária para a função conjunta *information*, que consta na publicação conjunta JP 3-0, de forma a demonstrar a consolidação das lições aprendidas com a guerra ao terror e a preocupação de se fazer frente aos adversários, em especial a Rússia, no que diz respeito ao progresso na exploração da dimensão informacional.

Segundo a referida publicação, a função conjunta *information* abrange o gerenciamento e a aplicação de informações e sua integração deliberada com outras funções conjuntas para mudar ou manter percepções, atitudes e outros elementos que impulsionem comportamentos desejados, assim como apoiar a tomada de decisão.

A função conjunta *information* ajuda os comandantes e subordinados a entender e alavancar a natureza penetrante da informação, seus usos militares e sua aplicação durante as operações. Ela proporciona aos Comandantes de Força Conjunta a capacidade de integrar a geração e preservação de capacidades relacionadas a informação (CRI) aproveitando os aspectos inerentes das atividades militares para alcançar os objetivos e o estado final desejado.

Todas as atividades militares produzem CRI e não aproveitar esse aspecto pode render vantagem aos adversários. O modo de aproveitamento dos aspectos informacionais das atividades militares tem o potencial de afetar os efeitos estratégicos. Desta forma, a função conjunta *information* inclui atividades, que facilitam a compreensão sobre o papel das CRI no ambiente operacional, dentre as quais podemos citar de forma resumida: compreender o ambiente operacional, influenciar comportamentos e apoiar a tomada de decisão.

5.1 COMPREENDER O AMBIENTE OPERACIONAL

Com um forte legado dos aprendizados nas operações da guerra contra o terror, a compreensão do ambiente operacional em conjunto com as atividades da função conjunta

inteligência consiste em determinar percepções, atitudes e processos decisórios relevantes dos atores envolvidos. Ela requer uma apreciação de sua cultura, história e narrativas, bem como o conhecimento dos meios, contexto e padrões de sua comunicação. Os atores relevantes podem incluir quaisquer indivíduos, grupos, populações ou sistemas automatizados (aplicativos de celular, por exemplo) cujo comportamento tem o potencial de afetar uma determinada operação ou ação tática (EUA, 2018).

Segundo esta atividade, as Forças Conjuntas devem compreender e se comunicar efetivamente com as populações, com membros de governo em nível local e nacional, com parceiros multinacionais, com a mídia nacional, regional e internacional, além de quaisquer outras partes interessadas, inclusive Organizações Não Governamentais (ONG). Trata-se de uma capacidade que inclui o conhecimento sobre os aspectos humanos do ambiente operacional e das habilidades associadas à comunicação com o público estrangeiro (EUA, 2018).

5.2 INFLUENCIAR COMPORTAMENTOS

As tarefas alinhadas nesta atividade visam aplicar a compreensão da Força Conjunta ao impacto que as informações têm sobre as percepções, atitudes e processos de tomada de decisão para influenciar o comportamento dos atores relevantes de modo favorável a Força Conjunta. As tarefas desta atividade envolvem a divulgação de informações precisas ao público nacional e internacional a fim de se contextualizar as operações. Essa atividade também inclui atacar e explorar informações, redes de informação e sistemas ao mesmo tempo que ajuda a garantir a confiança da população dos EUA, aliados e parceiros, assim como dissuadir adversários e inimigos (EUA, 2018).

5.3 APOIAR A TOMADA DE DECISÃO

Como fruto das duas primeiras tarefas, compreender o ambiente operacional e influenciar comportamentos, esta atividade pretende promover um ambiente colaborativo que

propicie o mais alto grau de clareza nas apurações das mais diversas questões por meio do compartilhamento de informações. Ao mesmo tempo, esta atividade inclui a necessidade de reforço a função conjunta proteção uma vez que se concentra em proteger informações, redes e sistemas para a garantia de sua inviolabilidade (EUA, 2018).

A preservação da informação inclui medidas passivas e ativas para prevenir e mitigar a coleta, manipulação e destruição de informações, assim como tentativas de minar a credibilidade da Força Conjunta (EUA, 2018).

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A FUNÇÃO CONJUNTA *INFORMATION*

A função conjunta *information* reúne procedimentos operacionais com aplicação tática que foram devidamente “testados” e refletem não só um aprendizado com aprimoramento, mas a necessidade de se intensificar uma busca permanente por alguma vantagem competitiva no ambiente informacional frente aos potenciais adversários e inimigos dos EUA.

Desta forma, ela inclui recursos e operações específicas para se alavancar capacidade com a exploração da dimensão informacional, além de possuir como uma consideração chave, os aspectos legais de atuação. Tal aspecto chama atenção pela relevância alcançada pela “*lawfare*”⁵³, ainda que dentro do contexto da geração de CRI.

⁵³ Para fins deste trabalho, a expressão “*lawfare*” será considerada como o uso, ou o abuso, da lei como método de guerra para realização de um objetivo militar (DUNLAP, 2007).

6 CONCLUSÃO

Nesta dissertação, buscou-se analisar como os insucessos nas campanhas da guerra contra o terror, assim como a necessidade de se oferecer uma resposta à atuação de adversários, influenciaram e consolidaram o entendimento dos EUA de que seria necessário readequar seus métodos doutrinários de exploração da dimensão informacional. Para atingir esse propósito, foi realizado um estudo de caso visando à identificação dos pontos de aderência e singularidades.

Primeiramente, na seção dois, em busca de pressupostos teóricos relevantes que subsidiassem a compreensão do problema, foi realizada uma breve exposição das concepções que abarcam os conceitos de 4GW de Lind (2014), operações em zona cinzenta de Echevarria (2016) e funções operacionais de Vego (2009).

Sem almejar esgotar a complexa motivação para a readequação doutrinária promovida pelos EUA, foram escolhidas implicações observáveis que demonstrariam a presença e a importância, cada vez maior, da dimensão informacional na atuação militar das forças conjuntas estadunidenses.

O estudo levado a cabo indicou quatro observações principais: a necessidade do conhecimento e da compreensão ampla do ambiente onde se pretende operar; a necessidade de uma mudança de paradigma quanto ao uso da capacidade de guerra convencional; a necessidade de se saber lutar uma batalha de narrativas; e a necessidade de aprimoramento e integração na exploração dos recursos informacionais para uma operação em zona cinzenta.

Na seção três, a análise da guerra contra o terror travada no Afeganistão e no Iraque e seus insucessos mostrou, sob o prisma predominante do conceito de 4GW, que o desconhecimento do ambiente operacional levou a um descompasso entre forças, capacidades, missões e metas.

Além disso, a força conjunta estadunidense pôde perceber, numa mudança de paradigmas, que havia cenários de abordagem colaborativa para o uso da força a partir da

limitação dos danos colaterais. Desta forma, foram desenvolvidos arranjos flexíveis de C2 que combinavam as vantagens da descentralização com a capacidade de efeitos em massa proporcionada pela centralização.

Ainda na guerra contra o terror, no que tange à batalha de narrativas, o uso pelo inimigo do efeito de uma “primeira impressão”, mesmo quando falsa, passou a ser extremamente relevante. Manchar a imagem da força conjunta foi um objetivo tático do inimigo amplamente explorado.

Posteriormente, na seção quatro, realizou-se uma análise mais contemporânea da guerra da Informação com foco voltado para potenciais adversários dos EUA, em especial a Rússia. Os exemplos da atuação russa na campanha de anexação da Crimeia em 2014 e as conclusões sobre a interferência nas eleições presidenciais de 2016 vieram a ampliar a necessidade de se reconsiderar a prioridade dada ao tratamento das habilidades no ambiente informacional.

A integração meticulosa das capacidades de tecnologia da informação, no planejamento e execução de operações, mostrou que “preparar o campo de batalha” pode ser o próprio conflito à medida em que se torna uma maneira de enfraquecer um adversário militarmente superior sem disparar um único tiro.

Por fim, visando consolidar a resposta dada à questão central do trabalho, na seção cinco foi analisado o texto adotado pela nova doutrina. A proposta de compreender o ambiente operacional, influenciar comportamentos e apoiar a tomada de decisão, mostra uma abordagem que considera as quatro implicações observáveis distribuídas de forma equilibrada a medida em que as tarefas são distribuídas num dado cenário tático.

Assim, foi possível constatar que a inclusão da sétima função operacional, *information*, teve o objetivo de considerar os aprendizados da guerra ao terror sem deixar de

potencializar, ferramentas que pretendem alavancar capacidades de se atuar no campo informacional com maior assertividade.

Desta forma, pode-se afirmar que o propósito deste trabalho foi atingido. Além disso, dada a amplitude e complexidade dos temas relacionados ao conceito de arte operacional, torna-se importante ressaltar que esta obra teve, de forma indireta, o objetivo de chamar atenção para os desafios militares no campo informacional.

No que diz respeito à doutrina de operações conjuntas brasileira, em que pesem as óbvias diferenças que a separam da estadunidense, torna-se oportuno alimentar com este trabalho o entendimento da crescente necessidade de se aprimorar nossos métodos de planejamento militar. Neste contexto, a reflexão sobre uma possível adoção, pela doutrina brasileira, do modelo de funções operacionais como forma de se alavancar capacidades na aplicação da interoperabilidade é uma realidade que se impõe cada vez mais.

Praticamente presente em todos os aspectos de nossas vidas, a informação tem figurado quase como uma necessidade fisiológica dos seres humanos no século XXI e justamente por esse motivo, vem se tornando um terreno fértil para estudos e planejamentos militares. Atualmente, tornou-se da mais alta relevância o acompanhamento da evolução do conceito de ameaças híbridas e como se deve planejar o uso da dimensão informacional para lidar com tais ameaças.

REFERÊNCIAS

ASPREY, Robert Brown. “Guerra de Guerrilha”. Enciclopédia Britânica, 24 de Março de 2021, disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/guerrilla-warfare>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

BRITÂNICA, Os Editores da Enciclopédia. “Iraq War”, Enciclopédia Britânica, 26 de Maio de 2021, disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Iraq-War>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

_____. “Insurgency”, Enciclopédia Britânica, 22 de Setembro de 2017, disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/insurgency>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

_____. “Marshall Plan”, Enciclopédia Britânica, 27 de Janeiro de 2020, disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Marshall-Plan>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

_____. “Baath Party”, Enciclopédia Britânica, 30 de Abril de 2020, disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Bath-Party>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

_____. “Arab Spring”, Enciclopédia Britânica, 27 de Janeiro de 2021. <<https://www.britannica.com/event/Arab-Spring>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

_____. “Islamic State in Iraq and the Levant”, Enciclopédia Britânica, 28 de outubro de 2019, disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Islamic-State-in-Iraq-and-the-Levant>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

CARSMAN, Benjamin, “The War of Ideas: Advocating for a Stronger US Information Warfare Capability”, publicado em 07 de Novembro de 2018, disponível em: <<https://georgetownsecuritystudiesreview.org/2018/11/07/the-war-of-ideas-advocating-for-a-stronger-us-information-warfare-capability/>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

CLAUSEWITZ, Carl Von, “Da Guerra”, tradução para o inglês Michael Howard e Peter Paret, tradução para o português CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, Princeton University Press (original), 1984 p.838.

COHEN, Eliot A. “The Big Stick: The Limits of Soft Power & the Necessity of Military Force”. Basic Books, New York, 2016.p.344

COUTAU-BÉGARIE, Hervé, “Tratado de Estratégia”, tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al, Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

COX, MAJ Joseph L. “Information Operations Enduring Freedom and Iraqi Freedom – What Went Wrong?”, School of Advanced Military Studies, United States Army Command and General Staff College, Fort Leavenworth, Kansas, 2006.

DUNLAP, Charles J. Jr. “Lawfare Today and Tomorrow”, 2007, Disponível em: <https://scholarship.law.duke.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3090&context=faculty_scholarship>. Acesso em: 05 ago. 2021.

ECHEVARRIA, Antulio J. II. “Operating in The Gray Zone: An Alternative Paradigm For U.S. Military Strategy”, United States Army College Press, 2016. Disponível em: <<https://press.armywarcollege.edu/monographs/425>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

EUA. Department of Defense. *Joint Publication 1-0, Doctrine for the Armed Forces of the United States*. Última revisão Julho 2017.

_____. *Joint Publication 3-0, Joint Operation*. Última revisão Outubro 2018.

_____. JCOA. *Decade of War, Enduring Lessons from the Past Decade of Operations*, volume 1, 15 de Junho de 2012, Joint Staff, Suffolk, Virginia, p.50.

GALULA, David. “*Counterinsurgency warfare: theory and practice*”, primeira publicação em 1964 por Praeger Security International, Westport, Connecticut, London, 2006.

GARRETT, Filipe. “O que é *malware*? Veja significado, tipos e saiba remover”, publicado em 27 de Março de 2021, disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2021/03/o-que-e-malware-veja-significado-tipos-e-saiba-remover.ghtml>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

KELLY, Cap Charles M. “*Information on the Twenty-First Century Battlefield: Proposing de Army’s Seventh Warfighting Function*”, *Military Review*, Janeiro-Fevereiro 2020. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/January-February-2020/Kelly-Info-warfighting/>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

LIMBACH, Raymond. “*Blitzkrieg*”, Enciclopédia Britânica, 8 de Janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/blitzkrieg>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

LIND, William Sturgiss. “*Understanding Fourth Generation War*”, *Military ReviCew*, setembro-outubro de 2004. Disponível em: <<https://org/?view&did=482203>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

_____. “*The Four Generations of Modern War*”, 2014, Castalia House: Kouvola, Finlândia.

_____; THIELE, Gregory A. “*4th Generation Warfare Handbook*”, 2015, publicado por Castalia House, Kouvola, Finlândia.

MACEDO, Carlos Eduardo Ribeiro de. Funções Operacionais ou Funções Conjuntas? O nome pouco importa desde que incorporemos seu conceito à doutrina brasileira. *Revista Marítima Brasileira*, 2021. p. 187-193;

NEWMAN, Andrew J. “*Shihii*”, Enciclopédia Britânica, 28 de Janeiro de 2020, disponível em <<https://www.britannica.com/topic/Shii>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

OTAN. Organização Tratado Atlântico Norte 1949, disponível em: <https://nato.int/cps/su/natohq/official_texts_17120.htm?selectedLocale=pt>. Acesso em: 31 jul. 2021.

PINTO, José Carlos. “*Introdução à Arte Operacional*”, *Revista da Escola de Guerra Naval*, nº8, 2006. p 47-54.

RAY, Michael. “*WikiLeaks*”. Enciclopédia Britânica, 20 de Fevereiro de 2020, disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/WikiLeaks>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

THEOHARY, Catherine. “*Information Warfare: Issues for Congress*”, Congressional Research Service, publicado em 05 de Março de 2018, disponível em: <<https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R45142/5>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

VEGO, Milan. “*Joint Operational Warfare: Theory and Practice*”. New Port, US Naval War College, 2009.

VISACRO, Alessandro. “*Guerra Irregular: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*”, Editora Contexto, São Paulo-SP, 2009.

WITTE, Griff. “*Afghanistan War*”. Enciclopédia Britânica, 31 de outubro de 2020, disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Afghanistan-War>>. Acesso em: 31 jul. 2021.